

EDITORIAL

Este número de *Mnemosine* traz a marca da Análise Institucional. Melhor dizendo, a marca de um de seus criadores, René Lourau.

A partir de 1982, quando participou do II Simpósio Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições, promovido pelo IBRAPSI, Lourau esteve diversas vezes no Brasil, a convite de inúmeras organizações, especialmente de universidades. Em 1993, convidado pelo Instituto de Psicologia da UERJ, ministrou um curso muito concorrido, com a duração de cinco encontros, oferecido gratuitamente aos interessados. Cuidadosamente gravado e melodiosamente transcrito, esse curso se transformou em uma publicação, "Análise Institucional e Práticas de Pesquisa", editada em 1995 pelo NAPE/UERJ. O pequeno livro rapidamente se esgotou, tal o interesse por ele despertado entre estudiosos-praticantes da Análise Institucional. Lamentavelmente, por problemas técnicos e financeiros, não havia possibilidade de reeditá-lo. Sendo assim, os empréstimos e as cópias eram freqüentes: muita gente buscava o "livrinho amarelo do curso do Lourau"...

Ao início do ano de 2000, quando se dirigia, de trem, à Universidade de Paris VIII, René Lourau faleceu subitamente. Os grandes amigos que fizera no Brasil, bem como em outros países do Cone Sul, precisaram de um bom tempo de convivência com a perplexidade antes de serem capazes de homenageá-lo. Somente em maio de 2001 o evento "O legado de René Lourau", organizado por Sonia Altoé, na UERJ, trouxe a público o que até então era um murmúrio tristemente partilhado. As falas daquele dia, envolvendo múltiplos idiomas, disciplinas, memórias e afetos foram publicadas em livro, o *SaúdeLoucura8*, dedicado à Análise Institucional (Ed. Hucitec, 2004). Mas permaneciam a saudade e o reclamo pelo "livrinho amarelo do curso do Lourau"...

Dizem que revistas devem possuir uma rígida padronização, evitando modificar o modelo pré-fixado. Na linguagem da Análise Institucional, não poderiam, talvez, afastar-se do instituído. Mas *Mnemosine*, a musa da memória, sabe que esta se move, cria, inventa e, eventualmente, contempla o que insiste, o que re-existe. Sendo assim, o presente número traz “Análise Institucional e práticas de pesquisa”, o reclamado “amarelinho”, agora em formato eletrônico. É claro que não é o mesmo, embora tenhamos procurado manter, nas páginas que agora se “abrem” ao internauta, as páginas que o leitor virava e, eventualmente, acariciava, sublinhava, dobrava, marcava....ao ritmo do desejo de apreender conceitos e procederes institucionalistas. Porém, se o produto difere, também se renova, se faz mais disponível, circula, conecta, publiciza exponencialmente via um acesso dito (embora ainda mentirosamente) “irrestrito”.

Além disso, o curso não vem sozinho: sucedem-no cinco artigos, de estudiosos franceses (quatro deles) e brasileiros (o de Ronald Arendt, que ficara de fora do *SaúdeLoucura8* por problemas de espaço), todos versando sobre o percurso teórico, político, estético e pedagógico de René Lourau – inseparáveis caminhos, tratando-se de quem se trata. Nestes artigos, mais uma vez *Mnemosine* transgride padrões: os textos não contêm resumos e abstracts, pois eram originalmente destinados à publicação em forma de livro, circunstância inviabilizada por exageradas demoras editoriais. De volta aos cânones, a seção Biografia não falta: e é uma biografia-amizade que completa o presente que oferecemos a nós mesmos e aos leitores de *Mnemosine*.

Por todos esses motivos, somos duas as editoras do presente número: Heliana de Barros Conde Rodrigues (editora habitual de *Mnemosine*) e Sonia Altoé (editora convidada). Nossos afeto e admiração recíprocos se cruzam com o afeto-admiração por René Lourau e com uma forma de trabalhar, que era também a dele, em

que as pressões produtivistas se vêem impossibilitadas de derrotar o prazer do texto-contexto-intertexto. Só mesmo um hipertexto seria capaz de desdobrar a infinidade de “momentos”, no sentido lefebvreano, da composição desta singular edição de *Mnemosine*.

Muito se fala, hoje, de inclusão. Mas a Análise Institucional (AI) sempre foi inclusiva; sempre primou, ao contrário do que alegam os detratores, pela multiplicação das forças e formas – das instituições, em suma. Nesta linha, três belos artigos recentemente encaminhados à revista completam a presente edição, misturando-se à AI num desejável híbrido favorecedor de conjunções, confrontos, articulações, ... transduções, talvez, como preferiria René Lourau.

Neste híbrido incluem-se todos aqueles cujos corpos agora convergem *on-line*: os que perguntavam sobre “o livrinho amarelo”, os que tanto esperaram pela tradução-publicação de suas contribuições à análise do percurso de René Lourau, os tradutores-traidores, os pacientes manejadores de Scanner (Daniel Maribondo Barboza em destaque), os revisores da leitura imprecisa do mágico aparelhinho, as secretárias de *Mnemosine* (ressaltando-se o capricho de Simone Serafim), os pacientes (e amorosos) colaboradores e leitores da revista.

A todos eles, ou melhor, a todos nós, na companhia virtual de René Lourau, uma boa leitura!

Heliana de Barros Conde Rodrigues e Sonia Altoé